

DIRECTOR: ANTÓNIO F. GAIO

is quarto

de, com i para min er as co.

etudo m

dizador de

poder-sea

realidade

la, e con

profunda.

ém o pro-

e diferent

Bergman iveis, an

ca falta

nente de

o o prism

deixou à

uma socie

ealizadoru

s opinios

ardoso

10

SUBDIRECTOR: ANTÓNIO A. SANTOS

ANO 45 / N.º 2261 / 2 DE AGOSTO DE 1975 / PREÇO 3\$00

### EDITORIAL

Oue se passa realmente em Portugal?

Esta pergunta surge no espírito de milhares e milhares de portugueses, confusos perante o rápido desenrolar de acontecimentos políticos, saídas do Governo de partidos, comícios, movimentações de massas, comunicados, num clima de tensão social e austeridade que dificulta uma serena análise da situação.

A objectividade cede o passo à agressividade, e, por vezes, o próprio MFA não tem conseguido a necessária serenidade frente a acusações irracionais de que é alvo.

Os verdadeiros problemas do País são os problemas da construção do socialismo.

Assiste-se em Portugal a um luta muito dura e difícil entre as camadas exploradas da população e os extractos que nretendem manter essa exploração.

E tudo tem sido tentado para dificultar a reconstrução do País. Pressões externas, boicotes económicos, agitação interna.

Tudo tem sido tentado para dividir o MFA, que representa efectivamente a força aglutinadora dos que estão interessados em caminhar para a sociedade socialista, classes tratalhadoras do campo e da cidade, (camponeses, operários, pescadores) pequena burguesia (pequenos e médios agricultores, pequenos e médios comerciantes e industriais, trabalhadores da função pública) e alguns extratos da média burguesia (intelectuais, elementos com qualificação técnica).

Naturalmente que em 25 de Abril se libertaram no nosso País tensões sociais muito complexas e difíceis de controlar. Foram anos e anos de repressão, de lutas na clandes-

tinidade, de frustração, de guerra colonial.

À derrocada de um capitalismo podre segue-se a crise económica. Não se reconstrói uma economia por golpe de

magia, mas com trabalho e reorganização social.

Ao fim das guerras coloniais, segue-se uma sempre difícil descolonização, que muito embora tenha atingido momentos de extraordinária felicidade, exigiu muitos sacrificios e canseiras. E nestes sacrificios incluimos, como dever nosso de total fraternidade, os nossos compatriotas retornados de Angola, profundamente traumatizados pelo processo histórico que viveram.

O reconhecimento de complexidade da situação impôs total responsabilidade a todos os portugueses, nomeadamente, aos dirigentes dos partidos políticos e às classes trabalhadoras,

vanguarda da Revolução, lado a lado com o MFA. Sabemos bem que os que pretendem manter os privi-

légios e a exploração, utilizam todos os meios para conseguir os seus fins, desde o subtil boato, até à opressão armada, passando pelo tenebroso aproveitamento de todas as divergências surgidas entre nós.

O último fim-de-semana deve ser encarado como expe-

riência para o futuro.

Não estão em questão o Partido Socialista ou o Partido Comunista. São duas forças políticas, com programas políticos dignos, que integram camadas sociais fundamentais para a Revolução Socialista.

Sem estas forças políticas não será possível o socia-

lismo em Portugal.

O MFA reafirma a sua posição suprapartidária, a intenção de caminhar com o povo português para o socialismo.

A hora é de responsabilidade.

Será exigir muito a todos nós, MFA, partidos políticos socialistas, cidadãos portugueses que queremos liberdade e socialismo, serenidade, lucidez, firmeza?

Será exigir muito de todos nós, que encaremos deci-

didamente os reais problemas do País?

Quem beneficia das provocações (e as fomenta na sombra)?

Quem está interessado nas divisões entre os trabalhadores, a pequena burguesia, os intelectuais, os quadros técnicos?

A quem aproveita o clima de insegurança, de emotividade descontrolada, de não esclarecimento correcto das situações?

Será aos cidadãos portugueses que honestamente pretendem trabalhar para deixar às gerações futuras um Portugal mais feliz?

(Do «Boletim do M.F.A.»)

## Nos e os Bombeiros

Tantas vezes ouvimos e vemos pessoas e situações, no nosso dia a dia, que acabamos por fixar determinadas ideias e conceitos àcerca do que nos rodeia, embrulhados quase sempre pela rotina. E, quando, de repente, despertamos para um modo diferente de olhar e surpreendemos uma nova cara ou uma nova imagem, vendo algo que nos acompanhava já há bastante tempo, arregalamos os olhos e abrimos a consciência para um pequeno exame.

Vem isto, a propósito dos Bombeiros. É verdade, dos Bombeiros que olhamos tantas e tantas vezes, indiferentemente, com a ideia feita de uns tipos que gostavam de «armar», andando todos vaidosos, com uma farda

muito importante, debaixo de um capacete reluzente...

Como eu desejava, quando era catraio, de ter um capacete daqueles... E eu que quase nasci e vivi desde os meus cinco anos, paredes meias com o quartel dos Bombeiros Voluntários de Espinho.

Tantas voltas dei àquele quarteirão, a correr descalço, com o boné de pala virada para trás, a fazer de bombeiro. E quando chegava a altura dos exercícios, arregalava os olhos, vendo-os lá em cima pendurados como acrobatas nas frágeis escadas, a trepar pela torre do quartel acima.

Não esqueço mais a minha entrada, um dia, pelo quartel dentro, de lágrimas nos olhos, com um grande golpe nos quatro dedos da mão esquerda, para me fazerem um curativo. Era então quarteleiro, o senhor Cândido, um bondoso homem. Depois foi o ti Porfírio, ainda hoje vivo e bem disposto, o dono do quartel...

Mas, deixemos o roteiro choramingas do passado e vamos ao presente. Pois é, os bombeiros, para muito boa gente, coitados, não passam de bons rapazes, bem intencionados, que correm como uns danados quando toca a fogo e gostam de fazer barulho com as paradas e as fanfarras. Bem, não é que não se dê pela nobreza da sua missão, mas... sim senhor, está muito bem, quando precisarem pagaremos as quotazitas e compraremos uns bilhetinhos para as sessões de cinema ou teatro a seu favor.

Pela minha parte quero, aqui, diante o interesse que possa despertar a leitura destas linhas, confessar o egoismo na ideia feita, a tal impressão embrulhada pela rotina, que mantive àcerca dos bombeiros durante tantos anos. Nunca lhe demos o valor devido e lhe manifestamos o apreço

e a admiração que merecem.

Mas a que vem tudo isto? Como sempre quando nos aproximamos mais das questões e sentimos de perto os problemas somos mais justos. Convidados a tomar parte no acto de posse do novo Comandante dos Bombeiros Voluntários Espinhenses, demos conta, pelo que vimos e ouvimos, de uma obra feita de carinho e sacrificio. Foi quase como uma revelação. E intimamente arrependemo-nos dos juízos precipitados, das queixas e pragas rogadas quando toca a sirene e nos acorda a altas horas da noite.

Já teremos todos pensado bem na abnegação e no sacrificio desinteressado desses rapazes que deixam a sua vida e a sua possível tranquilidade, para socorrerem o próximo, enquanto nos queixamos do baru-

Iho do alarme?

E nestes últimos tempos, quanto trabalho, quanta luta, no combate aos incêndios das florestas e dos montados. Noites há que são chamados cinco e seis vezes. É uma tarefa tremenda que se desenvolve quase sob o nosso alheamento.

É preciso dar valor a essa rapaziada. É urgente dizer-lhes que sentimos e apreciamos o seu esforço e sacrificio.

Obrigado, bombeiros da minha terra!

A. G.



SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

#### REDACÇÃO

ALEXANDRE FALCAO
FAUSTO NEVES
JOAQUIM FIDALGO
JOSÉ JOÃO MAIA
JOSÉ PINTO
MORAIS GAIO
NUNO BARBOSA
VITOR SOUSA

#### PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA DE PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

Redacção e Administração
RUA 19 — N.º 62
TELEFONE, 921525
AVENÇADO

Composição e Impressão
OFICINAS GRÁFICAS DA
CASA NUN'ALVARES
Rua de Santa Catarina, 630
PORTO

LEIA E ASSINE "A DEFESA"

#### PARAMOS

PODER POPULAR

Realizou-se no passado dia 20 de Julho uma Assembleia do Povo de Paramos, levada a efeito pela Comissão Administrativa da Junta de Freguesia, na qual foram dadas detalhadas informações sobre melhoramentos já realizados e outros em vias de concretização e ainda explicadas as conveniências e vantagens da formação de Comissões de Lugares.

Entretanto, realizaram-se já reuniões para eleição dos representantes de cada lugar (alguns lugares uniram-se para terem mais força) e estão escolhidos os representantes de quase todos os lugares desta freguesia.

Esperam-se resultados animadores.

#### GREMIO DA LAVOURA

Alguns agricultores desta freguesia sentem-se descontentes com a relativa inoperância do grémio da lavoura que nos devia servir.

Um grupo de animadores está a procurar reunir os verdadeiros interessados para que discutam o assunto e elejam os representantes desta freguesia, que deverão interessar-se e exigir do grémio um mais vantajoso funcionamento.

#### TURISMO EM PARAMOS

As nossas naturais possibilidades turísticas continuam muito mal aproveitadas, inclusivé devido ao mau estado (péssimo) de alguns caminhos, como por exemplo o da ligação entre o Aero Clube e a Lagoa de Paramos.

Aguarda-se, desde há cerca de um ano, que a nossa Comissão de Turismo ou de Festas se interesse por facilitar um turismo para todas as classes sociais e não somente em patrocinar, com importantes subsídios, o turismo de élites.

Domingos Monteiro

# Problemas de trânsito

Na passada segunda-feira, ao meio da tarde, quando passávamos pela rua 19, fomos surpreendidos por um aspecto não diremos insólito, mas pouco frequente na nossa cidade: o estacionamento em dupla fila. De facto, vários automóveis, uns com condutor, outros, pura e simplesmente «abandonados», estacionavam comodamente formando uma dupla fila, dando consequentemente origem a uma série de incómodos de toda a ordem para um fluxo de trânsito que, particularmente nesse dia e nessa rua é intenso. É indiscutível que nos dias de maior afluência de forasteiros a Espinho, é difícil arranjar um lugar para estacionar, na baixa. Mas, o que não é menos certo é que, aqui como noutras cidades e vilas do País, o comodismo do automobilista é grande: a «mania», de quase se entrar com o carro pelo café ou pelo estabelecimento dentro, está generalizada e tem tendências epidémicas. É também indiscutível que a zona central de Espinho dispõe unicamente de um parque de estacionamento, junto ao Casino, mas que nesses «dias de ponta» é demasiado pequeno só para os frequentadores do Casino.

Como tentativas de solução, poderemos apontar:

1 — O descongestionamento de trânsito, e sobretudo de estacionamento, afastando-o para a parte alta da cidade (digamos, da rua 16 para cima).

2 — Uma acção eficaz por parte da P.S.P., advertindo os automobilistas prevaricadores e, em caso de reincidência, multando.

3 — Em sentido mais amplo e, mesmo, como fundo da questão, aqui fica um apelo aos automobilistas de Espinho e àqueles que cá vêm esporadicamente: deixem o comodismo! Facilitem o trânsito na nossa terra!

Ainda a respeito de trânsito. É comum, especialmente aos Domingos, o passeio poente da Esplanada ser transformado em semi-parque de estacionamento, por parte de pessoas que aqui vêm passar a sua tarde de Domingo e aí param os carros, olhando, horas a fio, para o mar. Concordamos plenamente que as pessoas gostem de descansar ao Domingo, iodando os pulmões e «passando pelas brasas» à beira--mar, desde que esse direito (natural e justo) não colida com os direitos dos peões que passeiam durante a tarde na Esplanada. É que fica, por vezes, tão pouco espaço para os peões que se torna difícil circular. Com um bocadinho de boa-vontade, tudo se arranja.

N. B.

# TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469 Telef. 920325-977

Importador Electrodomésticos EDESA

BOSCH — KREFFT — ARISTON

RÁDIO E T.V.: BLAUPUNKT — LOEWE-OPTA

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS CANALIZAÇÕES

CARTUCHOS COM MÚSICA 80\$00

CASSETES COM MÚSICA 60\$00

TÉCNICOS ELECTRÓNICA E ELECTRODOMESTICOS

MOVEIS

ALCATIFAS

PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTENCIA

## 

Telefone 92 02 38

# Onde o Morte se diverte

No Salão de Festas-Restaurante (maiores de 14 anos) TODAS AS NOITES A PARTIR DAS 22 HORAS JANTARES-CONCERTO E MÚSICA DE BAILE PELOS CONJUNTOS

JOSÉ QUELHAS
PROMOTION MUSICAL 6
TONY SAMPAIO

Aos domingos

MATINES DANÇANTES A PARTIR DAS 16 HORAS COM A COLABORAÇÃO DOS MESMOS CONJUNTOS

Diariamente grandioso show

BALLET DIAMOND SHOW
(BALLET SUECO)

CARLOS CORDA Y GERALDINE (ILUSIONISTAS FRANCESES)

(ACROBATAS ALEMAES)

VITÓRIA MARIA
(CANÇONETISTA PORTUGUESA)

Na boite

(Maiores de 21 anos)

\* JANTARES-CONCERTO, TODOS OS DIAS, A PARTIR DAS 20 HORAS \*
\*\* SEGUIDOS DE

VARIEDADES E BAILE PELOS REFERIDOS CONJUNTOS E SHOW

Sala de Jogos e

SLOT-MACHINES a partir das 15 horas

## AINDA A PRAHA

Esteve em Espinho o novo Comandante da Capitania do Douro, responsável pelas praias da região. Motivo: esclarecer a posição daquele organismo e da actual lei, que ainda vigora, face à deslocação da praia para Norte. Essa deslocação provocou alguns protestos de espinhenses que, em abaixo-assinado ou em cartas particulares se dirigiram à Capitania. Presentes a essa reunião, além do Comandante e do Cabo-do-Mar, apenas alguns banheiros e uma das pessoas em desacordo com as novas disposições; por motivos que não conseguimos apurar, não compareceram os autores (ou seus representantes) do abaixo-assinado.

Dessa conversa apresentamos aqui os aspectos fundamentais explicados pelo sr. Comandante, para uma melhor compreensão das razões desta mudança e do actual estado de coisas. Ei-los:

dado que as praias são consideradas como de utilidade pública, a sua exploração é feita em regime de concessão;
o que aconteceu este ano foi uma

deslocação para Norte (desde a Piscina até 200 metros além do Rio Largo) da zona concessionada. O terreno não foi aumentado, pois os banheiros — agora associados em Cooperativa — apenas têm autorização para montar o mesmo número de barracas que montavam nos anos anteriores (à volta de 1.400); — tal resolução foi tomada, com o pa-

recer favorável das autarquias locais, por se considerar que só assim a praia teria as condições mínimas de sobrevivência;

— certamente que tal medida prejudicará um pouco as pessoas que dispõem de guarda-sol ou barraca particular, que agora terão de se deslocar mais para Norte. Entretanto, segundo a opinião dos banheiros e não só, isso será o preço a pagar por Espinho, dado que vive bastante (por exemplo no comércio) das pessoas que vêm de fora no Verão, e que talvez deixassem de vir se não houvesse praia;
— os concessionários (banheiros), em-

bora aufiram lucros pela montagem das barracas, têm também que assegurar determinados serviços importantes: além das barracas, serviços de assistência (vigilância e salvamento) e de limpeza das praias, — à face da lei actual (que poderá vir

a modificar-se no futuro, mas que de momento vigora...), a Capitania não pode deixar de concessionar as áreas dos concessionários existentes, mantendo assim os direitos por eles adquiridos já há vários anos;

— não se pode considerar isto um regime de monopólio, antes um alvará de exploração dentro de determinada zona, que não pode ser alargada por livre vontade dos banheiros;

— com esta deslocação, fica liberta a zona de praia do centro da cidade, a qual, embora já não oferecesse condições para ser concessionada, tem ainda alguns pedaços perfeitamente utilizáveis;

— a actual zona foi alargada ainda para além do Rio Largo por se considerar que não era suficiente o terreno apenas até ao Rio para albergar todos os interessados.

Esta é, portanto, a posição oficial da Capitania, face à lei vigente, e é também a opinião dos banheiros que se encontravam presentes. Como referiu o sr. Comandante, dada a legislação actual, não se poderia fazer de outra maneira ou a praia de Espinho ficaria na iminência de não sobreviver.

J. FIDALGO



Todos os quartos com banho
Todas las habitaciones con baño
Toutes les chambres avec salle de bain
Every room with bath

#### RESTAURANT

TELEFONE 27393
MARISCOS — PRATOS REGIONAIS

BACALHAU E TRIPAS A MODA DO PORTO TODOS OS DIAS — AS 588 E DOMINGOS FEIJO ADA A BRASILEIRA

Na pas Na pas Na pas Pelas Natel d Natel de Natel de Natel de Natel de

Mas a residencia de la contra del contra de la contra del la

teiros Non teiros Non teiros Por comando

MIXAS NA

Va Secção

Inforam ap

Reguintes que

Re César I

Mario Guetin

Mario Al

Re residindo

A 473, cave

Mado o seu

Masa 459 KJ

Belmiro

M, por lh

mizada 1 - E

António

Mo Arrifan

sobjectos e

automóve

isa Rua 26

ure de igniç

i liquidação

Na sua ter comperativa comperativa comperativa comperativa comperativa comperativa comperativa de comperativa d

itação uma itaessados.

de de

Idef. 9215

#### OS «ESPINHENSES» TÊM NOVO COMANDANTE!

Na passada sexta-feira, 25 de Ju-Iho, pelas 21.30 horas, teve lugar no Quartel dos Bombeiros Voluntários Espinhenses o acto de posse do seu novo Comandante José Nunes Martins.

Antes de entrarmos no acto de posse, devemos confessar a admiração que sentimos pelas novas instalações do 1.º e 2.º andares do quartel dos Espinhenses. Tudo muito bem, a denunciar muito carinho e bom trabalho. Bem pode orgulhar-se a Direcção presidida por Ernesto Pereira de Oliveira, secundado por Carlos Jerónimo F. Pereira e Henrique Cleto, da obra realizada. Mas a seu tempo o nosso jornal dedicará mais espaço e atenção a uma obra que constitui motivo de satisfação para todos os espinhenses.

Principiou o acto de posse do novo Comandante com a formação da Mesa que teve a presidi-la o sr. Artur Bártolo, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Espinho, ladeado por David Cristo, Presidente dos Congressos dos Bombeiros Portugueses, Eng.º Barrosa, pelos Bombeiros Novos de Aveiro, Carlos Alfredo dos Santos, como representante do Presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses, representante do Comando da P.S.P. local, represen-

tantes da D.E., José Nunes Martins e António de Sousa Couto.

Ernesto Pereira de Oliveira abriu os discursos, fazendo o elogio do Comandante cessante, sr. António de Sousa Couto, amigo da corporação há muitos anos e a quem entregou uma Medalha de Ouro, como reconhecimento pelos serviços prestados. Em seguida acentuou o papel desempenhado até agora pelo novo Comandante José Nunes Martins, também uma dedicação, a quem entregou as chaves da nova ambulância oferecida pela Fundação Calouste Gulbenkian e a oferta de setenta contos para fardamentos novos para os bombeiros. David Cristo, Eng.º Barrosa e Carlos Alfredo dos Santos usaram também da palavra, sobressaindo as palavras do primeiro.

O novo Comandante em breves e sentidas afirmações disse da sua intenção de bem servir.

Encerrou a sessão o sr. Artur Bártolo que, depois de saudar os presentes e agradecer as referências feitas, realçou a sua admiração pelo trabalho realizado nos Espinhenses por Ernesto P. Oliveira, bem secundado pelos seus colaboradores e endereçou palavras amigas ao novo Comandante José Nunes Martins.

#### QUEIXAS NA P.S.P.

\*\*\*

preço a

e bastante

s pessoas

que talvez

esse praia;

banheiros

montagel

e assegul

antes: ale

stência |

peza das

(que poo

nas que

tania não

áreas do

ntendo 83

75 já há

erar isto "

s um alvas terminada s terminada s

ão, fica lib a cidade, a condiçõe, a condiçõe, anda alguns

Na Secção local, entre 21 e 23 de Julho foram apresentadas, entre outras, as seguintes queixas:

De César Resende de Almeida, de Rameiro, Guetim, por lhe terem roubado a sua motorizada 3 - VNG - 22 - 20;

de Mário Alves de Moura, acidentalmente residindo na Rua Alvaro Castelões, 473, cave, Porto, por lhe terem roubado o seu automóvel de matrícula francesa 459 KJ 87, que deixara estacionado na Rua 26 com as portas abertas e a chave de ignição dentro da viatura;

de Belmiro dos Santos Ferreira, da Rua 20, por lhe terem roubado a sua motorizada 1 - ESP - 69 - 32;

de António Rodrigues da Silva, de Outeiro, Arrifana, de lhe terem roubado vários objectos e documentos que deixara no seu automóvel estacionado na Rua 10.

#### CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL

A liquidação desta contribuição está desde já em cobrança na Tesouraria da Fazenda Pública, onde deverão dirigir-se os contribuintes a ela sujeitos.

#### RETALHISTAS COOPERAM

Na sua tentativa de formar uma Cooperativa onde todos se abasteçam, os retalhistas de mercearia e vinhos do concelho de Espinho e zonas limítrofes voltarão a reunir na próxima terça-feira, 5 de Agosto. A reunião realizar-se-á pelas 21,30 horas na rua 19, n.º 62, esperando a Comissão constituída para esta organização uma presença massiça dos interessados.

### Centro de Enfermagem de Espinho

Todos os serviços de enfermagem oxigénio, camas articuladas, etc. Ambulâncias com oxigénio para transporte de doentes Horário das 9 às 12 e das 14 às 20 h. Telef. 921587 (das 9 às 20 h.) Telefone de urgência 922329 Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

#### CICLISMO INFANTIL

Com o patrocínio da Fábrica de Malhas Artirene, a Comissão de Turismo de Espinho realiza na tarde de 16 de Agosto a «XV VOLTA A PORTUGAL EM MI-NIATURA DE ESPINHO» que vem sendo organizada em todas as épocas de Verão desde 1961. Desde já os pequenos ciclistas poderão solicitar o respectivo regulamento na entidade organizadora ou na firma patrocinadora.

#### **INCONSCIÊNCIAS COM FINS TRISTES**

Este ano, e por todo o País, a vigilância nas praias tem sido aturada e, na maior parte dos casos, eficaz. No que respeita a Espinho, temos constatado que a nossa praia tem um bom corpo de vigias e nadadores-salvadores que, salvo pequenos pormenores de somenos importância, tem desempenhado a contento a sua missão. Porém, já durante esta época balnear, se têm dado alguns casos fatais, a maior parte deles devido à inconsciência por parte dos banhistas. Pessoas que não sabem nadar, ou que apenas dão umas tímidas braças «à cão»», entram afoitamente (inconscientemente) pelo mar dentro, não tomando um mínimo de precauções exigíveis a qualquer um que tenha «amor à pele». Outros, mal acabam de comer um daqueles almoços bem «à portuguesa», ou seja, «comer-até-chegar-com-o-dedo» vão fazer a digestão para a água. Resultado: vai progressivamente aumentando o número de notícias de morte por afogamento que, às segunda-feiras vemos nos jornais.

A culpa disto não cabe, de forma nenhuma, e duma maneira geral, ao serviço de vigilância das praias, que, pelo menos na nossa zona e aos fins-de-semana, até já dispõe de um helicóptero. Caberá, isso sim, à inconsciência de certas pessoas, à uma dose avultada de ignorância que muitas vezes é paga com a própria vida. Já foram lançadas várias campanhas de esclarecimento em velação a este assunto. Parece--nos, todavia, que muitos «marimbam-se» nesses avisos e recomendações úteis, e nem são alertados ao ouvirem as sirenes das ambulâncias, quando vão à beira-mar buscar mais um afogado... Até quando?

N. B.

### Carlos Matos Viegas MÉDICO Clínica Geral

Boca e Dentes

Rua 19 n.º 364-1.º Dto. - Tel. 921024

#### CUIDADO COM A SAÚDE

Temos repetido avisos e conselhos sobre as mais elementares regras da higiene, com vista à preservação da saúde e, nesta altura da canícula, como importantíssimo meio de combate contra a cólera. Sabendo-se que estão a registar-se alguns casos desta doença bem próximo de nós, alertamos todas as pessoas os avisos e conselhos tão largamente divulgados e dirigirem-se ao Centro de Saúde onde poderão obter gratuitamente as famosas garrafinhas para desinfecção de águas.

#### À ATENÇÃO DA P.S.P.

Num matutino nortenho lemos a seguinte nota emanada do Comando da Polícia de Segurança Pública do Porto:

«Vem já sendo costume, nos meses de Verão, determinados condutores, sobretudo de veículos de duas rodas, marcarem a sua personalidade, pouca educação e respeito para com a população, circulando nas ruas da nossa cidade, de escapes abertos, produzindo um ruído ensurdecedor e menosprezando e colidindo com a liberdade, que todos temos, de trabalhar, descansar ou convalescer em sossego. Este Comando, através da D.T., tem actuado contra este género de condutores que, dum modo geral, apenas produzem barulho, gases tóxicos e consomem (numa época de economia) gasolina e peças muitas vezes importadas.

A fiscalização aos ruídos, a partir do próximo dia 28 do corrente, segunda-feira, vai ser intensificada, não havendo contemplações por estes transgressores.

Além da autuação, os livretes dos veículos ficarão apreendidos até que, no prazo legal, seja apresentada a viatura com o escape reparado.

Todos os condutores que tenham dúvidas quanto à legalidade dos seus escapes, que nos procurem e que na realidade excedam o que é permitido por lei, não serão autuados desde que se comprometam, no prazo estipulado, a mandar

A população se solicita, no seu interesse, toda a colaboração informando a D.T. desta P.S.P. dos locais onde é mais frequente circularem estes condutores pouco escrupulosos».

reparar as suas viaturas.

ser-se plagiário...

Será que se trata de uma iniciativa a nível nacional ou apenas se destina à área portuense? Façamos votos por que seja a primeira a disjuntiva certa. E, se assim não for, esperemos que a P.S.P. local não demore a copiar o exemplo. É que há as vezes em que tem valor

### Manuel da Mota

MISSA DO 10.º ANIVERSÁRIO



Sua esposa e filhos, participam às pessoas de suas relações e amizade, que mandam celebrar uma missa pelo eterno descanso de sua alma, no próximo dia 6 de Agosto, pelas 7 horas da tarde, na Igreja Matriz desta cidade.

Desde já agradecem.

A FAMÍLIA

#### FARMÁCIAS DE SERVIÇO

#### 3.º TURNO

Hoje, sábado - FARMÁCIA PAIVA, Rua 19, n.º 319 - Telefone, 920250;

Amanhã, domingo - FARMÁCIA HI-GIENE, Rua 19, n.º 393 -- Telef. 920320; Segunda-feira — GRANDE FARMÁ-CIA, Rua 62, n.º 457 - Telef. 920092;

Terça-feira - FARMÁCIA TEIXEIRA, Rua 19, n.º 46 - Telefone, 920352;

Quarta-feira - FARMÁCIA SANTOS, Rua 19, n.º 263 - Telef. 920331;

Quinta-feira - FARMÁCIA PAIVA, Rua 19, n.º 319 - Telef. 920250;

Sexta-feira - FARMÁCIA HIGIENE, Rua 19, n.º 393 — Telefone, 920320.

#### CINEMAS

#### S. PEDRO

Hoje, sábado, 2 - O ATENTADO com Jean Louis Trintignant e Jean Seberg — 13 anos.

Amanhã, domingo, 3 — EMMANUELLE - com Sylvia Kristel e Alain Cuny -18 anos.

Segunda-feira, 4 — O BEIJO — com Maria Schneider e Senta Berger — 18 anos. Terça-feira, 5, à tarde - ROBIN DOS BOSQUES — de Walt Disney — 6 anos. A noite - MALÍCIA - com Laura Antonelli e Alessandro Morno — 18 anos.

Quarta-feira, 6 — OS PERVERSOS com Marlon Brando e Stephane Beachman — 18 anos.

Quinta-feira, 7 - O EXORCISTA com Ellen Burstyn e Max Von Sydow -18 anos.

Sexta-feira, 8, à tarde - ERA UMA VEZ... — de Walt Disney — 6 anos. A noite - EMPRESTA-ME O TEU MOTO-RISTA — com Lando Buzzanca e Rossana Podestá — 18 anos.

#### CASINO

Hoje, sábado, 2 — DECAMERON PROI-BIDO - com Pupo de Luco e Eva Maria Grubmuller — 18 anos.

Amanhã, domingo, 3 — As 18 horas — MARA - A RAPARIGA DA SELVA — com Linda Saunders e Adam West — 6 anos. A tarde e à noite - DECAMERON PROI-BIDO - 18 anos.

Segunda-feira, 4 - DIÁRIO INTIMO DE UMA MULHER — com Richard Benjamim e Carrie Snodgress — 18 anos.

Terça-feira, 5 — DESAFIANDO O PE-RIGO - com Richard Widmark e Sidney Poitier — 18 anos.

Quarta-feira, 6 - ARTIGO 22 - com Alan Arkin e Orson Welles — 18 anos. Quinta-feira, 7 - A PRIMEIRA EN-TREGA DE UMA MULHER CASADA -

com Emma Penella e Glenn Lee - 18 anos. Sexta-feira, 8 - POR UM PUNHADO DE DIAMANTES - com Donald Pleasence e Janet Suzman - 18 anos.

#### **FALECIMENTOS**

#### Em Espinho:

Elísio Ferreira de Sousa, de 84 anos, casado com Elisa de Silva Ferreira Sousa: Ana Rosa Pires Capela, de 75 anos, viúva de Joaquim José Alves Capela;

Júlio Guerner Milheiro Nunes, de 52 anos, casado com Lúcia Ferreira dos Santos.

#### Em Guetim:

Belmira Gomes de Oliveira, de 87 anos, solteira.

#### **NASCIMENTOS**

#### Em Espinho:

Cristiana Sofia, filha de Manuel de Sá Bastos e de Maria Júlia Teixeira da Costa; Carla Patrícia, Filha de Augusto de Oliveira Santos e de Maria Ofélia Pereira das Neves Santos.

PÁGINA MENSAL SOBRE EDUCAÇÃO

### EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL OU DE BASE (Conclusão)

Por alfabetização entenda-se «a possibilidade de obter conhecimentos e aptidões mínimas essenciais para conseguir um nivel adequado de vida».

Como a escolarização terá de ser, de certo modo, condicionada nos planos de valorização do território, às possibilidades de investimentos financeiros e à realização dos planos de ensino, parece-me que a educação de base, despojada de todo o compleno positivista que a informa, seria neste momento, o processo mais rápido, mais eficiente para, simultaneamente criar riquezas, elevar a comunidade, educar. A «Educação de Base» é um tipo de educação por equipa que procura elevar a criança, simultaneamente com o adulto, elevando o nível económico e social da comunidade a que pertencem, enraizando-a ao meio que a viu nascer.

A actividade educadora tem que fazer com que o povoado ascenda a um nível apto a receber o educando que instrui.

Quer dizer, a «Educação de Base» eleva o nível de grupo, tornando-o apto à endeculturação.

É fundamental a necessidade de os futuros planos de educação exigirem a colaboração da antropologia sóciocultural, pois que a análise dos sistemas de valores das «culturas» em contacto serão para o antropólogo a maneira mais eficaz de facilitar o

trabalho da educação. Assim, sugerimos, não campanhas de «alfabetização» mas de «educação fundamental ou de base». A «alfabetização» será assim um simples aspecto, uma faceta, uma actividade de uma «campanha» mais vasta que é a «educação fundamental ou de base».

Será dentro da «educação de base» que terá cabimento o conceito de «alfabetização» de Paulo Freire.

À pergunta: «Como alfabetizar?» A resposta é dada dentro de alguns princípios gerais que aprendemos e Paulo Freire: através de um grupo de palavras (ditas «geradoras») adapptadas para Portugal por Agostinho da Silva e Lindley Cintra.

Ler e escrever pode resumir-se a um processo mecânico pelo qual se faz uma equivalência de sinais: a um determinado sinal escrito corresponde um som e vice--versa. No homem contudo não se passa assim. Há uma mundivivência. Só se justifica se com isso se conseguir homens mais emancipados e mais felizes, só se se introduzir na alfabetização algo que impeça a manipulação do homem pelo homem.

Por outro lado há mesmo um conjunto de solicitações inerentes à sua profissão, família e possibilidades de se divertir que

se opõem com bastante êxito à assiduidade e aplicação dos alfabetizados.

È que o objectivo é alfabetizar gente. Alfabetizar é aumentar a capacidade que o homem tem de comunicar.

Comunicar o quê?

Ideias. Por isso, tem que se recriar um espírito novo: o espírito de diálogo horizontal - a educação pelo DIÁLOGO.

Lê-se em «Educação como Prática da Liberdade» (1):

«A urgência dos problemas de organização e de coordenação deste movimento de democratização da cultura deixou ao autor menos tempo do que ele teria desejado para a elaboração — teórica. Havia que aproveitar as possibilidades institucionais abertas à mobilização popular para atacar de frente a meta da alfabetização.»

Daí surge um novo processo pedagógico:

- Substituição do antidiálogo, vertical, paternalista, desamoroso, entre o professor e aluno, pelo diálogo, horizontal, de simpatia, de amor, de criação:

> - Não há mais professor - Não há mais aluno

> > - Há animadores de diálogo

- Há homens que aprendem em conjunto

- Ninguém vai ditar lições - Todos vão trocar ideias

> - Não se vai formar as pessoas - As pessoas é que se vão formar a si próprias.

A propósito, diz Paulo Freire:

«A grande dificuldade que se nos põe e que exige um alto senso de responsabilidade está na preparação dos quadros de coordenadores. Não porque haja dificuldade no aprendizado puramente técnico do seu procedimento. A dificuldade está na criação mesma de uma nova atitude — e ao mesmo tempo tão velha — a do diálogo, que, no entanto, nos faltou ao tipo de formação que tivemos... A atitude dialogal à qual os coordenadores devem converter-se para que façam realmente educação e não «domesticação».»

O método consiste fundamentalmente partir de palavras geradoras,

«Palavras geradoras são aquelas que, decompostas nos seus elementos silábicos, propociam, pela combinação desses elementos, a criação de novas palavras».

Exemplifiquemos:

TIJOLO (3 fonemas) **ESCOLA** TRABALHO

Ficámos, pois, a possuir 9 fonemas diferentes, que combinados poderão dar novas palavras:

Combinando os fonemas de cada tipo de letra encontramos as palavras: COLHO, BATI, TRAJO.

É assim possível, através duma criteriosa selecção, reunir um grupo de palavras chave que, devidamente tratadas, permitirão, por combinação dos seus fonemas, a construção da maior parte das palavras de um idioma.

Estamos num mundo de mutações progressivas. Por isso, importa considerar:

1.0 - As sociedades mais evoluidas, para as quais tendem todos os agrupamentos sociais, sentem que a mecanização, dará lugar à automatização e esta à automação, substituindo o homem em todas as tarefas da produção, deixando-lhe livre para viver a sua inteligência criadora, a sua reflexão, nesta evolução acelerada e progressiva.

2.0 - Toda ou qualquer estrutura educacional tem que considerar, na sua significação intencional, não o homem natural, mas o homem na perspectiva histórica, como projecto, como a paixão, o homem da automação, dos computadores electrónicos, do lugar que se há-de conceder aos lazeres cada vez mais multiplicadas e de evolução acelerada.

3.0 - Não podemos desconhecer que a educação de hoje é fundamentalmente uma educação de massas, pois que a educação não é exclusivamente de élites ou de sectores economicamente ricos. O que significa uma cada vez maior número de indivíduos a reivindicarem acesso à cultura, para si e para os seus filhos.

# Apontamentos sobre o problema do

«Tudo começou pelo extraordinário impulso da juventude. Alguns estudantes, minoritários sem dúvida, foram a ponta de lança. Pouco a pouco a efervescência atingiu todos os estudantes de Paris, depois as universidades da província, os jovens trabalhadores, e, por fim, toda a classe operária. E cada um pôde verificar, no início das greves como no momento da sua conclusão, a diferença de comportamento entre os jovens e os velhos operários.

Jovens funcionários, jovens camponeses, jovens de profissões liberais, além de outros, por toda a parte os jovens se agitaram, desempenharam um papel activo, escaparam a todo o controle. Mais espantoso ainda: eles compreendiam-se para além da diferenciação das classes sociais e através das diversas regiões do país, enquanto os seus camaradas mais velhos ficavam muitas vezes desorien-

Por toda a parte, as iniciativas brotaram e desenvolveram-se numa atmosfera de optimismo de vivacidade, de espírito libertário, de compreensão recíproca (P. M. France - A Crise Francesa de Maio»).

1. - O ensino tem estado em foco desde 25 de Abril, devido à crescente e aparentemente irresolúvel crise que atravessa, dita inserida no contexto geral da crise do sistema e da luta de classes explorados-exploradores.

Desde sempre albergue e porta-voz das várias camadas da burguesia e algumas partes mais enfeudadas a estas, por parte do proletariado - vivendo à custa de bolsas de estudo, de horas de trabalho nocturno ou diurno, ou ainda de outros apoios financeiros -, o ensino, especialmente o secundário e o superior, foram tornados autênticos lugares de alienação e mobilização inconsciente ou não para a sociedade autoritária e fascista, que através de métodos de ensino, matérias a estudar, desligamento professor - aluno, estudo estritamente teórico, etc., conseguia formar indivíduos apáticos à exploração e opressão do sistema — que a eles como classe em geral abastada, não lhes tocava e era desinteressante -, os quais iriam completar ou preencher novos quadros hierárquicos, colaborando com esta, pela sua aceitação do conteúdo geral social de que este (o ensino) era portador: tirar o curso e preencher o lugar a si reservado pela sociedade de consumo — e nada mais.

2. - No entanto este sistema rotativo do ensino burguês, não era completamente perfeito; o seu completo desligar do verdadeiro interesse das massas, o acabar do curso sem poder no entanto encontrar lugar profissional para todos, devido ao crescente nível de desemprego, o desinteresse mostrado pelo estado pelos problemas estudantis mais prementes, com as deficientes instalações e o desinteresse do professorado — aliás natural em parte, pela maneira injusta como era pago, sendo menosprezado o seu valor pelo estado, o que era natural também, pois este (o estado) preferiria que os

quadros fossem preenchidos com individuos com menor capacidade e menor espí. rito de crítica e de contestação, pois o contrário seria perigoso, podendo reflec. tir-se na formação psíquica do indivíduo. -aluno —, e ainda muitos outros problemas, provocaram uma crescente onda de revolta no seio das massas estudantis mais consciencializadas, que pela sua juventude e ainda não total alienação e dominação pelo sistema, despertavam não só nos outros estudantes, como até no professorado e restantes trabalhadores ligadores ao ramo do ensino, uma movi. mentação, é certo que por vezes enfeudada a características menos revolucio. nárias, mas sempre com o objectivo final de uma reestruturação deste a nível geral desde o ensino infantil ao ensino superior. Mas o grande problema era que, uma revolução total a nível do ensino — este «total» refere-se a uma revolução não só a nível do ensino, mas de toda a sociedade, pois o contrário não passaria senão de uma radicalização dos padrões cultu. rais burgueses —, era impossível de se dar vitoriosamente e com frutos reais se não se desse antes uma modificação na própria sociedade e seu quotidiano, ou seja uma renovação total das estruturas

È neste momento que surge a contes. tação a nível de escola, como local de criação e mobilização de novos quadros saídos do seu seio ou por ela no exterior criados — pela intervenção panfletária e activa, nas fábricas, nos campos, e outros lugares de exploração e opressão, e apoio a diversas lutas de diferentes campos profissionais de trabalhadores; tentando chamar a si um maior número de alunds, essa camada estudantil formada especial. mente pela pequena e média burguesia descontente e camadas aí presentes de proletariado mais ou menos «aburgue. sado», ou seja, já em caminho para uma hierarquização e aproveitamento para os definidos pelo estado, provoca no selo estudantil — fundamentalmente esta acção desenvolve-se a nível do ensino superior, mas não só — um criar de contradições que se reflectem no exterior da escola: de um lado estes (os estudantes) lutando por uma escola nova, democratizada, não deformadora de mentalidades, não hierarquizada e servindo o interesse das massas trabalhadoras; do outro lado o estado defensor da escola autoritária, implacável na defesa deste (tipo de ensino), logo na sua própria defesa, mesmo através de métodos violentos e repressivos. Este clima é constantemente agravado pelo recrudescer dos conflitos, os quais se vão começar a reflectir em certos sectores operários, mais a eles ligados e conhecedores da exploração a que são forçados (principalmente nos grandes meios urbanos onde a necessidade e possibilidade de comunicação e informação é maior).

Com a experiência adquirida com o movimento em França de Maio de 1968, as massas estudantis aceleram o processo de decomposição do ensino fascista, e o seu êxito, ir-se-à reflectir nas medidas

(Conclui na página seguinte)

4.0 — Há que sair vitorioso do cachoar que tragicamente já se sente, provocado pelo encontro de culturas de tipos de sociedades diferentes: sociedade de consumo, a sociedade em vias de desenvolvimento, a sociedade tecnológica, as sociedades cujas metamorfoses há que prever. O homem já anda no redemoinho duma «viragem» que temos, por imperativo do «Ser-Homem» prever para prover.

5.0 - As vias de acesso à cultura e os meios de desenvolvimento para uma juventude inteira (e não uma élite privilegiada) serão infinitamente variadas.

6.0 — Mas estamos perante estruturas sociais diferentes, com a natural atitude de opção. Estamos perante estruturas sociais em que importa que os governantes façam apelo e atendam aos ensinamentos da Antropologia Sócio-Cultural nos problemas da educação fundamental.

7.0 — O sistema estudo de sistema de valores dos grupos sociais em contacto será para o antropólogo - como dissemos - a maneira mais eficaz de facilitar o labor do legista e da educação fundamental. Só o especialista em antropologia poderá, descobertos os valores «chave», ainda que aproximadamente, prever a reacção dos grupos sociais em contacto,

ante a Lei programas de educação e de

promoção social. 8.0 — É necessário considerar este mundo de «mutação tecnológica» — Technological gap — tão característico nas regiões em vias, de desenvolvimento cuja situação económica se encontra precária, permitindo a livre expansão ao «arranque» já iniciado em busca mais justa repartição das riquezas.

9.0 — É que «quer numa política de desenvolvimento nacional quer do ponto de vista duma política de justiça social, o aproveitamento das capacidades de cada individuo é a melhor via de valorização

do capital» (2). 10.0 - Em conclusão, há que determinar os objectivos os valores morais «chave», compôr depois, programas de acção, preparando, através da educação normal junta à educação fundamental civicamente as colectividades, escolarizando os adultos, encaminhando o homem a aderir ao máximo de espirtiualidade pela crescente perfeição, numa democracia progresssiva. N. B.

Paulo Freire.

# A qualidade e a segurança no caminho do País Novo

Poucos dias antes do 25 de Abril escrevemos para este jornal um apontamento sobre Qualidade Industrial, tendo a censura cortado o último período que agora apresentamos:

«Para quando o organismo oficial que demonstre a atenção e o interesse que os poderes públicos estão dedicando ao problema qualidade?»

Não compreendemos a atitude do censor daquela época, pois nada referimos que pudesse constituir matéria condenável.

A verdade é que com a mudança imposta pelo 25 de Abril à vida nacional, um dos governos que então se constituiu acabou por criar a Direcção Geral de Qualidade e Segurança Industriais, facto que veio confirmar quanto era válida a sugestão que pretendíamos apresentar neste jornal.

Agora que há a referida Direcção--Geral outras questões se nos afiguram pertinentes em levantar.

Que tem feito este departamento de estado ?

Quem são os seus agentes dinamizadores?

Onde tem actuado?

para :

to pan

Ca no H

iente e

do es

riar de s

exterior

estudan

a, deman

o intere outro l

tipo de

esa, ma

As tarefas relacionadas com a Qualidade Industrial são inúmeras. Umas mais importantes do que outras, mas aquelas que se relacionam com a saúde pública classificamo-las como prioritárias.

Não basta que a publicidade feita a determinado produto evidencie esta e aquela característica. É fundamental que exista a prova oficial que autentique a legenda publicitária.

Não basta dizer que o colchão tal é ortopédico. É fundamental que haja o controlo oficial que garanta, perante o consumidor, as características especiais que o fabricante anuncia.

É urgente que se encare bem a sério o problema da Qualidade Industrial. É preciso sair das salas do Terreiro do Paço e circular por esses inúmeros postos de trabalho onde, tantas das vezes, só interessa a quantidade e se menospreza a qualidade.

Impõe-se a batalha da qualidade, pois, como Che Guevara disse um dia: Revolução é qualidade!

Outro tema que julgamos oportuno referir relaciona-se com aspectos de segurança que nos parecem por demais esquecidos pelas entidades responsáveis.

No departamento de estado que foi criado converge apenas a segurança industrial. No entanto há outras facetas da segurança, relacionadas com interesses mais gerais do público, que têm de ser consideradas.

Assim, reclamamos, como necessidade não desprezável, o organismo oficial de segurança que estruture o serviço capaz de reconhecer os perigos que as populações enfrentam e esteja apto a determinar, agindo, as soluções necessárias.

Casos há que de outra maneira não vemos resolvidos. Lembramos, por exemplo, o das passagens de nível sem um mínimo de segurança.

Atente-se no que se passa em diversas passagens implantadas em Espinho e seus arrabaldes.

Ali, junto ao Bairro do Violas, a passagem de nível do Vale do Vouga há muito que justifica um sinal preventivo de acidentes. Como esta uma outra junto ao apeadeiro de Silvalde com crescente movimento rodoviário.

Numa e noutra passagem não será possível colocar um sinal luminoso (tipo pisca-pisca) accionado pelos próprios comboios, que quando aceso despertaria a atenção e o cuidado de quantos por ali atravessam?

E aquela outra a sul do Matadouro e em frente do Bairro de Pescadores, marcada como passagem de nível reconhecida pela própria CP - trata-se da PN ao Km. 315,610 — que até tem casa para a respectiva funcionária, porque é que não dispõe de qualquer cancela ou sinal de segurança?

Casos como estes são fáceis de apontar. Assim fosse fácil a solução dos problemas. No entanto, aqui fica o nosso reparo, crentes que a dinamização de muitas tarefas prioritárias para o bem da comunidade hão-de despertar a evoluir, não como acções demagógicas, mas sim como actos concretos ao serviço da revolução que, além de reformar muitos dos nossos hábitos e atitudes, tem de impôr condições que abram o caminho do tão desejado país novo.

Arménio A. Gomes

### MULHER — A mão de obra mais explorada

(Conclusão)

3 — A MULHER COMO «RESERVA DE MAO-DE-OBRA»

Num mercado de trabalho que oferece vencimentos mais baixos às mulheres do que aos homens (num sistema capitalista, sem planificação económica, em que os detentores dos meios de produção têm como objectivo máximo a obtenção de lucros, como crises que trazem o desemprego), em crise de trabalho é normalmente a mulher que regressa a casa. Por exemplo, na grande crise económica de 1929 que trouxe como consequência um grande desemprego, isso terá acontecido.

Este fenómeno é determinado pelo preconceito de que o trabalho feminino tem um carácter eventual e serve principalmente para colmatar a falta de trabalhadores masculinos.

A mulher, para lá da evolução que não pode negar-se, é ainda considerada como «reserva da mão-de-obra» regularizadora das flutuações do mercado de emprego: assalariadas nos períodos de penúria de mão-de-obra, são recambiadas para o lar nos períodos de desemprego.

No entanto, hoje, as mulheres constituem uma parte importante da mão-de--obra em todos os países. O número de trabalhadores aumenta diariamente. Cada vez trabalham mais mulheres e em anos reservados aos homens.

Não se compreende portanto que o trabalho feminino continue a ser considerado um trabalho «complementar».

Verifica-se que de uma maneira geral, as mulheres não têm consciência da importância do seu papel na produção e as razões porque dizem exercer a sua profissão são fundamentalmente económicos. Só uma minoria tem consciência esclarecida da sua condição e uma minoria mais restrita tenta activamente modificá-la.

Em Portugal, ao contrário do que acontece nos países industrializados, a percentagem da população feminina trabalhadora é relativamente baixa.

No entanto, no actual processo revolucionário a caminho do socialismo, a mulher portuguesa terá de participar activamente na produção e terá de tomar consciência da importância do seu papel, como força trabalhadora, no desenvolvimento económico-social do nosso país e na sua própria emancipação.

4 - O TRABALHO DUPLO

As mulheres trabalhadoras, ao aceitarem sair de casa e ir para a fábrica, para o campo ou para o sector dos serviços, sujeitaram-se, desde logo, a um trabalho duplo: a mulher operária fabril que, em meados do século XIX, trabalhava 16 horas diárias, tinha ainda em sua casa e a seu exclusivo cargo, todo o trabalho doméstico e os filhos, devia ter uma ocupação diária de cerca de 20 horas (ou mais...).

A mulher presta-se, assim, a uma dupla exploração — a de mulher-mãe (dona-de-casa) e a de mulher-trabalhadora (economicamente activa).

O trabalho profissional, que seria meio de emancipação e, em geral, forma de maior alienação, duma sobrecarga de tarefas, duma submissão...

Sem ter onde deixar os filhos, tendo que cuidar deles quando estão doentes, sem uma devida protecção no trabalho e sendo a mulher (na grande maioria dos casos) a responsável por todo o trabalho doméstico, ela deverá muitas vezes angustiar-se com a sua situação. O marido, normalmente, não ajuda nas tarefas de casa nem a cuidar dos filhos, e assim a mulher é explorada na fábrica como trabalhadora produtiva, e, em casa, pelo homem. A propósito desta exploração escreveu Engels: «Na família, o homem é o burguês; a mulher representa o proletariado».

Numa sociedade capitalista, em que o objectivo fundamental para a classe exploradora é a acumulação do capital pela obtenção de grandes lucros, os trabalhadores funcionam como mão-de-obra que o capitalista compra para produzir lucros, sendo a mão-de-obra feminina a mais mal paga, a mulher é ainda mais explorada que os seu companheiro masculino.

Concluimos, assim, que a mulher numa sociedade capitalista é explorada enquanto força produtiva pela burguesia, e em casa, pelo marido.

Até quando?... Até quando se manterá esta dupla exploração?

Como poderá a mulher libertar-se dela?...

Um Grupo de Trabalho

# Apontamentos sobre o problema do ensino

(Conclusão da página anterior)

tomadas pelo Ministro da Educação, o fascista Veiga Simão, que só através da violência pensa ver a resolução de tal problema, que já atinge graus complexos de agitação, não se limitando a um ou outro grupo restrito, mas apoiando-se em vastas massas estudantis, que no exterior ao monólito à burguesia — a escola — propagam ideias contrárias à sua classe e ao estado, criando uma situação impossível de suster pelo diálogo, somente «resolúvel», pela violência policial e armada.

3. - O contexto geral em que surge o 25 de Abril, apanha o ensino numa das suas mais graves crises; a legalização dos partidos e restantes movimentos e organizações, irá ter um contributo negativo no plano da luta estudantil, que de luta efectiva e activa para um melhor e novo padrão cultural, passa a questão para querelas partidárias e oportunistas, sem interesse, nem para a resolução da crise do ensino, nem para a mobilização e consciencialização das massas trabalhadoras. A agravar o caso surge o «interesse» agora demonstrado, pelas camadas mais afectas ao antigo regime, desejosas do seu regresso, e a infeliz existência de um Ministério que por vezes chega a tomar atitudes reaccionárias e que encontra por vezes eco em certas camadas menos esclarecidas dos estudantes, devido à acção de certos agrupamentos que o atacam ou o apoiam, mas que na prática até fazem o seu jogo, o jogo da burguesia: falo e destaco aqui as representações a nível estudantil do M.R.P.P. (F.R.E.P.) e do P.C.P. (U.E.C.).

No decorrer lógico do processo de passo estagnação do ensino, surgem as passagens administrativas, a dispensa facilitada dos exames — ainda, e infelizmente não abolidos —, o aumento lógico de alumento abolidos —, o aumento lógico de alunos em anos pós-exames, as faltas de disponibilidades técnicas e financeiras... e o serviço cívico!

E o que reflecte isto tudo, no fim de contas? Uma crise a nível do sistema, irresolúvel segundo pontos de vista capitalista ou até outras opções reformistas e burocratizadas; é a sociedade que deve ser modificada.

A criação do serviço cívico, parece ser a opção por uma destas vias, a reformista, dos «remendos para ver se remedeia»; mas mais uma vez se vê a derrota de tal linha, que não consegue suscitar nem o apoio total do povo trabalhador, nem das próprias massas estudantis a ele destinadas (cerca de um terço de candidatos inscritos no serviço cívico, mas provavelmente somente um quinto em actividade).

4. - A resolução, repito, não se põe a nível de ensino, mas sim ao nível da sociedade, do quotidiano; a única resolução para já a tomar, a única revolucionária e que mais frutos traria para o processo de auto-emancipação das massas exploradas e oprimidas, seria a do encerramento dos respectivos estabelecimentos de ensino (pelo menos a nível superior e secundário): então juntos professores, alunos e trabalhadoras - não incluo aqui os encarregados de educação, pois eles poderiam tomar uma posição negativa na resolução do problema, ao tentarem defender em primeiro lugar os seus interesses de grupo familiar separado e egocêntrico, logo desligado da luta pela libertação do homem das malhas sociais, repressivas e despóticas, nas quais se destaca a família (o que não impediria no entanto estes de estarem presentes na discussão, mas no caso, não como pais dos alunos, sim como massas críticas colaborando no respectivo processo) - discutiriam a linha de acção a tomar, seus meios e obejectivos. Tal situação seria insustentável para o sistema opressor, e

criaria neste contradições que seriam impossíveis de resolver mesmo usando a violência reaccionária.

A resolução deste problema está nas mãos das massas estudantis (principalmente nas camadas de estudantes-trabalhadores) e restantes trabalhadores a nível de ensino: a única coisa necessária é contactar as massas trabalhadoras, pedir--lhes o seu apoio e pôr-se ao lado delas. «Só assim se fará a revolução ao nível da sociedade, ao nível do ensino».

NOTA FINAL — Queria fazer notar ainda, que este meu interesse e realce demonstrado aqui, pela luta a nível estudantil, não implica, que eu seja um partidário de uma revolução em que os estudantes tenham um papel dos mais activos e até, que sejam, um dos pontos fulcrais do processo revolucionário - como foi o caso da crise de Maio de 1968, em França, que teve como grandes activistas, as massas estudantis; eu compreendo a acção estudantil, como mais um campo de luta, no qual todos os estudantes e restantes trabalhadores a nível do ensino. se deverão por ao lado e apoiar, toda a luta ou movimentação operária: «os estudantes liceais, rapazes e raparigas, podem apoderar-se dos liceus e das escolas, formar cadeias de ligação com o resto do país e atacar as forças da ordem pela rectaguarda (Ratgeb - Da Greve Selvagem à Autogestão Generalizada)».

A luta pela emancipação dos explorados e oprimidos será apenas travada por esses mesmos explorados e oprimidos, podendo no entanto estes, se o entenderem, contar com o apoio de outras camadas populacionais interessadas na realização do respectivo processo revolucionário, ou seja, na «autogestão a todos os níveis da sociedade».

Daniel Proença

### Dr. Aucíndio Valente

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças Nervosas e Mentais RUA 20 N.º 500-1.°-TEL. 921014

Dias: 3.as e 6.as feiras com hora marcada

#### Ribeiro Dr. Rogério

Médico Especialista de Medi cina Física e Reabilitação

Consultórios: Rua 20 n.º 500-1.º Telefone 921014 — ESPINHO

Rua Santa Catarina n.º 778-1.º Telefone 33868 PORTO

### Pinto de Matos

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edlmburgo Fracturas e Doenças dos ossos e Articulações.

Rua 19 n.º 364-1.º-Tel. 921218 **ESPINHO** 

### José Luís F. Barbosa

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ossos e Articulações Consultas todas as 3. s-feiras a partir das 14 horas, na Policii nica do Dr. Miranda Valente -Rua 31 n.º 321 — Espinho — Telefone 920689, p. f. marcar consulta.

#### CARTORIO NOTARIAL DE ESPINHO

A cargo da notária Lic. Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 14 de Julho de 1975, lavrada de folhas 69 a 72 verso do livro de notas para escrituras diversas B — Número 41, deste cartório notarial de Espinho, os senhores ANTONIO DE JE-SUS PEREIRA, casado, residente nesta cidade de Espinho, na Rua 22, 179, 1.º, e MANUEL LINO DE JESUS PEREIRA, casado, residente nesta cidade, na Rua 5, 629 constituiram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá nos termos constantes das cláusulas seguintes:

Primeira - A sociedade adopta a firma «ANTONIO DOMINGUES PEREI-RA, SUCESSORES, LIMITADA», tem a sua sede e estabelecimento em Espinho, Rua Cinco, número 529, durará por tempo indeterminado a contar de hoje.

Segunda — O seu objecto é a indústria de construção civil e afins podendo, todavia, explorar qualquer outro ramo de actividade industrial ou comercial em que os sócios acordem e seja permitido por lei.

Terceira - O capital social é de 800.000\$00 dividido em duas quotas de 400.000\$00 cada uma, pertencendo uma a cada sócio e encontra-se integralmente realizado pelos bens e valores que compõem o dito estabelecimento instalado no prédio inscrito sob o artigo 835 desta freguesia, cidade e concelho de Espinho, na Rua Vinte e dois, número 209, com todas as mercadorias, móveis, utensílios, licenças, alvarás e demais elementos seus constitutivos, o que tudo fica transferido para a sociedade no referido valor de oitocentos mil escudos.

Quarta - A gerência da sociedade, dispensada de caução e com ou sem remuneração, conforme vier a ser deliberado em assembleia geral, compete a todos os outorgantes desta escritura, indicados em segundo, terceiro, quarto e quinto lugares, os quais quatro ficam desde já nomeados gerentes, sendo suficiente a assinatura de dois deles, uma delas sempre a do segundo outorgante, António de Jesus Pereira, e na falta ou (impedimento de dois deles, uma delas, digo) impedimento deste António a do terceiro outorgante, Manuel Lino de Jesus Pereira, para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos.

Parágrafo único - Para mero expediente é suficiente uma só assinatura de qualquer deles quatro.

Quinta — A cessão de quotas a estranhos depende do consentimento dos sócios não cedentes.

Parágrafo primeiro — Fica desde já estabelecido que o sócio António de Jesus Pereira cede ao quarto outorgante cinquenta por cento da sua quota e que o sócio Manuel Lino de Jesus Pereira cede cinquenta por cento da sua quota ao quinto outorgante.

Sexta — As assembleias gerais serão convocadas por cartas registada dirigidas aos sócios com dez dias de antecedência, pelo menos, salvo os casos em que a lei exija outra forma de convocação.

Sétima — Por morte ou interdição de qualquer sócio, a sociedade continuará com o sócio sobrevivo ou capaz e os herdeiros ou representante legal do falecido ou interdito, devendo aqueles nomear um de entre si que a todos represente na sociedade enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

Parágrafo único - Se aqueles herdeiros não pretenderem continuar na sociedade, antes desejando a amortização da quota, a sociedade dissolver-se-á nos termos da lei.

Oitava - Dissolvendo-se a sociedade, ambos os sócios serão liquidatários, podendo abrir-se entre eles licitação, ficando o estabelecimento social, com todo o seu activo e passivo, adjudicado ao sócio que melhor proposta faça em preço e forma de pagamento.

Mais certifico que o António de Jesus Pereira, por esta mesma escritura cedeu ao quarto outorgante Domingos Alves de Oliveira, uma quota igual a 200.000\$00 resultante da divisão daquela sua quota de 400.000\$00, assim reservando para si

uma igual a 200.000\$00. E que o Manuel Lino de Jesus Pereira. pela mesma escritura cedeu ao quinto outorgante, Narciso de Sousa Soares, uma quota igual a 200.000\$00 resultante da divisão daquela sua quota de 400.000\$00 assim reservando para si uma quota igual

#### ESTA CONFORME AO ORIGINAL.

a 200.000\$00.

Espinho e cartório notarial, 21 de Julho de 1975. Ressalvo as emendas «verso» «entre» «uma» «das» «seguintes» «Segunda» «indústria» «constitutivos» «Manuel» «suficiente» «cinquenta» «por» «continuará» «devendo» «amortização»

#### CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

A cargo da notária Lic. Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 17 de Julho de 1975. lavrada de folhas 109 a 110 verso do livro de notas para escrituras diversas D — Número 10 deste cartório notarial de Espinho, os senhores AUGUSTO DE SA ALVES, casado, residente nesta cidade de Espinho, na Rua Sessenta e dois, 109, primeiro andar, direito, ANTONIO FERREI-RA DE SA ALVES, casado, residente também nesta cidade, na Rua Vinte, 735, e ARMANDO FERREIRA DE SA AL-VES, casado, residente no lugar do Monte de Cima, freguesia de Paços de Brandão, concelho de Vila da Feira, constituiram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a fir. ma «AUGUSTO DE SA ALVES, LIMI-TADA», e tem a sua sede e estabelecimento na Rua Dezanove, números 175 a 187, desta cidade, freguesia e concelho de Espinho, e a sua duração é por tempo indeterminado, entrando hoje em exercicio.

Parágrafo único — Por simples deliberação da assembleia geral, a sede social poderá ser deslocada dentro da mesma localidade.

Segundo - O seu objecto é o comércio de café à chávena, pastelaria, confeitaria e sorvetaria, podendo entretanto dedicar-se a outra actividade comercial ou industrial em que os sócios acordem e seja permitida por lei.

Terceiro - O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 6.000.000\$00, e corresponde à soma de três quotas iguais de 2.000.000\$00 cada uma, pertencentes uma a cada um deles sócios.

Quarto — Não são exigíveis prestações suplementares de capital, mas os sócios poderão fazer suprimentos à sociedade, mediante as condições estabelecidas por deliberação a tomar em assembleia geral.

Quinto — São livres as cessões de quotas entre os sócios, mas a favor de estranhos dependem do consentimento da sociedade.

Sexto — A representação da sociedade em juízo ou fora dele, será feita por todos os sócios, que desde já são nomeados gerentes.

Parágrafo primeiro — Os actos e contratos que, pela sua natureza, envolvam responsabilidade para a sociedade, terão de ser firmados por dois gerentes. mas os de mero expediente podem ser firmados por um só gerente.

Parágrafo segundo — A sociedade será estranha a quaisquer actos ou contratos firmados pelos gerentes em letras de favor, fianças, abonações ou outros semelhantes.

Parágrafo terceiro — Qualquer dos gerentes poderá delegar os seus poderes de gerência, no todo ou em parte, em qualquer outro gerente.

Parágrafo quarto — Os gerentes são dispensados de prestação de caução e terão a remuneração que for fixada em assembleia geral.

Sétimo — As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência de, pelo menos, oito dias, salvo se a lei prescrever outra forma de convocação.

Oitavo — Por morte ou interdição de qualquer sócio, a sociedade continuará com os sócios sobrevivos ou capazes e os herdeiros ou representante legal do falecido ou interdito, devendo aqueles nomear um de entre si que a todos represente na sociedade enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

#### ESTA CONFORME AO ORIGINAL.

Espinho e cartório notarial, 23 de Julho de 1975. Ressalvo as emendas «limitada» «deslocada» «mediante» «são» «que» «favor» «ou» «gerentes».

O Ajudante do Cartório, José dos Santos Sil

(«Defesa de Espinho», N.º 2261 de 2/8/75)

#### JOAQUIM GOMES PEREIRA Electricista de Automóvels

Montagem de auto-rádios, aparelhagem electrónica para verificação de alternadores, Bobinagem de dinamos e motores, Testes, eléctricos e Focagem de faróis.

(Serviço Mobil) Rua 15 - Telef. 921900 - ESPINHO Residência — Telef. 964194

«Dissolvendo-se» «serão» «liquidatários» «proposta» e a entrelinha «quatro».

> O Ajudante do Cartório, José dos Santos Sil

(«Defesa de Espinho», N.º 2261 de 2/8/75)

### Cartório Notarial de

A cargo da notária Lic. Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 23 de Julho de 1975. lavrada de folhas 124 verso a 127 do livro de notas para escrituras diversas A -Número 41 deste cartório notarial de Espinho, os senhores PAULINO MAR-QUES DE OLIVEIRA, casado, residente no lugar do Monte, freguesia de Cortegaça, concelho de Ovar, MANUEL OLI-VEIRA COELHO, casado, residente no lugar da Estrada, da mesma freguesia de Cortegaça, ACACIO DE OLIVEIRA COELHO, casado, residente no lugar da Igreja, da dita freguesia de Cortegaça, ANTONIO OLIVEIRA COELHO, casado, residente em Ovar, Rua Marquês de Pombal, 14, ILIDIO OLIVEIRA COELHO. casado, residente no lugar do Gavinho, da referida freguesia de Cortegaça, ANTO-NIO CORREIA DA CONCEIÇÃO, casado, residente na Rua Dezasseis, 1.464, rés-do--chão, esquerdo, desta cidade de Espinho, e ANTERO DE SOUSA ALVES, casado, residente na Rua Particular da Costa, 90, 1.º, Ermesinde, constituiram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá pelos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma «CONCEIÇÃO & COMPANHIA, LI-MITADA», e tem a sua sede e estabelecimento na Rua Trinta e três, número 694, de Espinho, durará por tempo indeterminado, a contar de um de Agosto próximo futuro.

Segundo - O seu objecto é a indústria e comércio de mobiliário de madeira e estofado, e, de modo geral, o fabrico e comércio de quaisquer artigos legalmente consentidos.

Terceiro — O capital social é de 225.000\$00, integralmente realizado e representado por duas quotas de 75.000\$00 cada uma pertencente a cada um dos sócios António Correia da Conceição e Antero de Sousa Alves, e cinco quotas de 15.000\$00, cada uma pertencente a cada um dos restantes sócios. Paulino Marques de Oliveira, Manuel Oliveira Coelho, Acácio de Oliveira Coelho, António Oliveira Coelho e Ilídio Oliveira Coelho e é todo em dinheiro.

Quarto — A gerência, dispensada de caução, pertence a todos os sócios, sendo necessário a assinatura de dois para responsabilizar a sociedade.

Parágrafo único — Para obrigar a sociedade em actos e contratos que não sejam de mero expediente são sempre precisas duas assinaturas, sendo uma delas sempre a de qualquer deles António Correia da Conceição ou Antero de Sousa Alves.

Quinto — A cessão de quotas a estranhos só poderá fazer-se se a sociedade ou os outros sócios não quiserem preferir pelo maior preço oferecido.

Sexto — Os sócios poderão fazer à sociedade os suprimentos de que esta carecer, nas condições que a assembleia geral aceite.

Sétimo — Os lucros líquidos apurados anualmente serão, depois de deduzidas as percentagens para o fundo de reserva legal e outros que a assembleia delibere, divididos pelos sócios na (proporção e até ao valor deles serão, digo) proporção das suas quotas, e na mesma proporção e até ao valor delas serão suportados os prejuízos, se os houver.

Oitavo — As assembleia gerais, sem. pre que a lei não exija outras formalida. des, serão convocadas por meio de carta registada, dirigida aos sócios com a antecedência não inferior a oito dias.

Nono — Falecendo ou sendo interdito qualquer sócio, a sociedade continuará com os sobrevivos ou capazes e os representantes do falecido ou interdito, se todos nisso concordarem, cento e trinta dias a contar do evento. A representação dos herdeiros será feita escolhendo eles um que os represente e a do interdito por meio do representante legal. Se, porém. não houver acordo, a sociedade amortizará a quota, pagando, no prazo de um ano, aos herdeiros do falecido e ao interdito tudo o que se apurar pertencer-lhes conforme o que constar do último balanco aprovado e ainda os lucros calculados pelos apurados nesse último balanço e pelo tempo decorrido desde Janeiro até à verificação do evento.

Décimo - A sociedade poderá amortizar a quota de qualquer sócio que tenha sido arrestada ou penhorada, pagando o que se apurar pertencer ao titular segundo o que constar do último balanço aprovado e desde que esqueça o seu direito dentro de trinta dias a contar da penhora ou do arresto.

Décimo primeiro - Em caso de dissolução, todos os sócios serão liquidatários, devendo proceder-se à licitação do estabelecimento em globo, com todo o activo e passivo, adjudicando-se àquele dos sócios que mais oferecer por ele.

#### ESTA CONFORME AO ORIGINAL.

Espinho e cartório notarial, 24 de Julho de 1975. Ressalvo as emendas «outros» «suportados» «amortizar» «sócios» «CONFORME» e as rasuras «serão» «proporção» «serão» «devendo».

> O Ajudante do Cartório. José dos Santos Sil

(«Defesa de Espinho», N.º 2261 de 2/8/75)

### VENDA DE TERRENO

Na Rua 4 e 35 (Esquina) virado ao Sul defronte do Pavilhão do Sporting, podendo construir nove apartamentos já com o devido estudo com a área total de 408 m²

Falar c/ Arq.to Jerónimo Reis ou Manuel Salgueiro

### MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

#### VITORINO LOPES

TELEF. 920565 - M.te Lírio - ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore - Rua 7 N.º 561

#### PINTURARTE

Snack

Tecnicamente especializado em todo o género de Pintura Artística, Móveis de Adorno e todo o género de objectos de decoração.

### Armando Alves Ribeiro

Desenhador - Pintor de Arte

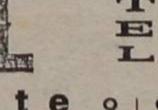
Rua 18, n.º 943

Discoteca

ESPINHO

Telefone, 921412

SALÃO DE FESTAS E SERVIÇO espe-



cial para Baptizados, Casamentos Confraternizações.

Na Discoteca

Aos Sábados à Noite

Aos domingos - Matinée

Encerrado à terça-feira para descanso

do pessoal

1. Se pore

Janeiro as

poderá amor. cio que tenha a, pagando to titular se

ltimo balano eça o seu d

a contar d

n caso de dis

rão liquidata licitação do com todo

ndo-se àquele

er por ele.

ORIGINAL

otarial, 24 t

emendas (01-

izar» «sócio»

«serão» «pro

261 de 2/8/75

Sporting,

udo

UZ

561

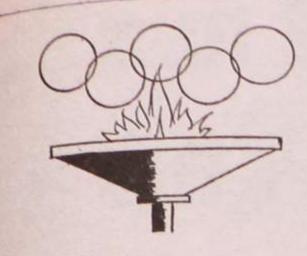
m todo o Móveis do Móveis do le objectos

eiro

ne, 921411

15amentos

rtório,



# desporto





# A propósito do Conselho Desportivo de Freguesia

Tinha a «D.E.» delegado em nós a incumbência de representarmos o periódico nas reuniões efectuadas para se dar corpo a este novo órgão da hierarquia desportiva local, no entanto, coincidindo com o nosso período de férias e, também, com saídas fora de Espinho, não foi possível acedermos ao convite, como não pôde o Jornal por impossibilidade momentânea fazer-se presente por outro elemento.

Isto, afirme-se, não demonstra alheamento perante o problema, nem tão pouco desinteresse e, tanto assim que, hoje, aqui estamos a bater a tecla, não só para dar a explicação pública duma ausência, como para nos debruçarmos sobre outros as-

Embora, pessoalmente, tivessemos gostado de estar presentes nas reuniões aludidas, pois, inclusivé, tinhamos ideias formadas sobre o assunto, já que, há bastante tempo defendemos nestas colunas a cria-

ção de um órgão similar a nível local, julgamos que a presença de um elemento representativo da Imprensa espinhense apenas interessava para entrar no debate--esclarecimento de ideias, quanto à estruturação daquele.

Para sermos mais claros, queremos dizer na nossa que, partindo de mera suposição, o elemento representativo da Imprensa local não poderia ser, eventualmente, escolhido para fazer parte da Comissão, ou melhor, não deveria ser.

Na realidade, debaixo da nossa óptica, haveria choque de posições, isto é, a eventual posição do representante da Imprensa na dita Comissão provocaria embate com a sua função, pois querendo nós uma Imprensa objectiva, justa, directa, apontando construtivamente erros, criticando sem peias, isso só poderá ser executado por quem não se enfeude ao que quer que seja.

Assim, «D.E.» e, no caso de colaborador mais assíduo desta página, o autor destas linhas, continuará a prestar o apoio, sempre que possível, em situações como a citada e prosseguirá na senda de, nas suas colunas, norteada pelos devidos princípios, criticar, aplaudir, apontar sugestões, etc..

E trilhando essa linha, porquanto estamos a lembrar-nos de palavras do Prof. Sá Chaves, quando veio a Espínho, precisamente no intuito de promover a criação do órgão aludido, parece-nos que um dos problemas principais a enfrentar, desde logo, pelo recém-criado Conselho Desportivo de Freguesia, será a análise correcta sobre onde se deve inserir o desporto espinhense, a nível federado, isto é, em Aveiro ou no Porto, para levar a questão a quem de direito.

Na realidade, parece que ouvimos a afirmação de que estaria cometida a esse Conselho a orientação que melhor vise os

interesses desportivos da zona do contexto onde se integra, porquanto não faz sentido, e isso mesmo é reconhecido pela D.G.D., entidade impulsionadora da criação do órgão em causa, que não se atente nas condições e realidades locais, as quais, normalmente, passam despercebidas às várias hierarquias desportivas que vêem as coisas lá de longe.

É tempo, para bem do desporto espinhense, equacionar-se e solucionar-se esse grave problema, visto que ele afecta grandemente o desenvolvimento desportivo local, em vários aspectos e, até hoje, tem sido protelado, mas jamais resolvido.

Por favor, não venham dizer já que problemas dessas indoles não cabem no âmbito de um Conselho Desportivo de

C. S.

### UM «SENHOR» PRESIDENTE

#### Ecos da última Assembleia do S. C. E.

Não afirmaremos, por não ser verdade, que o actual Presidente da Assembleia Geral do Sp. de Espinho, Alberto Alves, desde que desempenha o cargo e, no caso particular, de dirigir os trabalhos da mesa à qual preside, tenha estado sempre isento de erros.

Isso era transcendente e humanamente impossível. Ao invés, podemos afirmá-lo, por ser verdadeiro, que o visado tem conduzido, sempre, os trabalhos da mesa com superior equilíbrio, alta democracia, muito saber, dominando totalmente os acontecimentos e dando a directriz para que as assembleias do clube se caracterizem por actos cívicos, clubísticos e desportivos, notáveis.

Na segunda parte da última assembleia, a páginas tantas, houve um desalinhamento de conduta, descambando-se (alguns sócios) para «jogos florais» de palavreado estragado, na verdade nada consentâneo com o acto e, particularmente, com a forma como, vinha sendo uso, decorriam as assembleias dos «tigres».

Entretanto, com surpresa, a atitude do presidente da mesa era passiva, contra o seu costume, pois usualmente \*ataca» o mal à raiz, até com fogosidade, parecendo mesmo que este estava aparentemente ausente da sala e, portanto, os sócios pisavam o risco, everedando para o anarquismo de palavras e ideias, misturando alhos com bogalhos, em manifestação de comportamento antiassembleia e anti-muitas-outras-coisas.

De repente, o presidente «acordou» da sua estranha e inesperada letargia e, num improviso brilhante, deu a toda a assembleia, mas sobretudo aos confusos de ideias, uma lição autêntica sobre o saber estar, sobre o comportamento cívico, educacional, desportivo, clubístico, democrático, em actos daqueles, cuja liberdade de cada um acaba onde começa a do próximo e o direito ao respeito, mútuo, às responsabilidades, é igual para todos. Ele, apenas e afinal, deixou meter o «pézinho na poça», para, depois, ensinar quem errara.

Em palavras simples, objectivas, duras, directas e, sobremodo, verdadeiras, ajustadas e tendentes a instruir, o presidente mostrou aquilo que tem sido agora, ao dirigir as assembleias do Clube: um «senhor» presidente!

Um associado, achando que a lição tinha sido superior e que nunca é tarde para se aprender, felicitou o presidente e pediu uma salva de palmas que a assembleia, espontânea e vibrantemente, concedeu.

O presidente, talvez por modéstia, não quis aceitar esta homenagem simples, e sincera, da assembleia, quando a ela fez inteiro juz.

Aqui, um dos tais pequenos erros, sem importância, dos presidentes que são uns «senhores», porquanto, por muita modéstia e por muito que se queira servir bem o Clube sem se ser notado, a assembleia é soberana e as suas decisões são para acatar, para mais se por unanimidade e aclamação!

C. S.

### Nacional de Hóquei em Patins Apreciação ao comportamento da A.A.E.

Militante na época última na 2.ª divisão - onde quase conseguia o título a turma da A.A.E. obteve, esta época, agora no escalão principal, o apuramento para a fase derradeira, que acaba de terminar.

Em primeira análise, o feito da A.A.E., vinda da 2.ª divisão, portanto com outro ritmo, é de evidenciar, pois a turma mostrou o seu valor e obteve um 4.º posto, que lhe deu o apuramento, ficando apenas atrás de equipas com o cabedal do Infante de Sagres, F. C. do Porto e Valongo.

Mas, desde logo, é indispensável frisar, com a saliência devida, o pormenor da constituição do plantel da A.A.E., visto que, sendo um clube estritamente amador, se vale da «prata da casa» no confronto com os outros comparsas, entre os quais, sobretudo os mais candidatos às vitórias nos certames, se deparam com verdadeiras selecções de valores, recrutados aqui e além, no intuito de conquistarem títulos.

Isto é, afinal, o reflexo entre quem pratica o amadorismo e quem faz um outro «amadorismo», a criar um fosso entre o valor das equipas, sobremodo em certos momentos capitais, porquanto até no capítulo de preparo dos conjuntos, as obrigações ditadas pelas duas formas de amadorismo citadas, fazem sentir as suas relevantes diferenças.

No entanto, as coisas são como são e A.A.E., fazendo gala do seu valor, apareceu na fase final, entre os oito melhores conjuntos portugueses. Ficou em último lugar, contudo, frise-se, exibicional e potencialmente, esse posto não corresponde, ainda assim, ao valor intrínseco do conjunto.

A A.A.E. claudicou em certas partidas (onde discutiu, e bem, os resultados) apenas pelas falhas estruturais do conjunto que vão, como se disse já nestas colunas, da falta de um plantel mais vasto, à falta de um melhor preparo físico para aguentar tantos jogos, etc..

Claudicou e perdeu, porém fez questão de se mostrar uma equipa de índice técnico bem vincado, a fazer inteiro jus à figuração entre a fina flor do hóquei em patins português, proporcionando partidas bem jogadas, de agrado certo e emoção, onde alguns dos resultados desfavoráveis constituiram meros acidentes, próprios do desporto.

O comportamento da A.A.E. foi, quanto a nós, altamente meritório e o último posto não deslustra nada, sobremodo se, para lá dos resultados e da pauta classificativa em si, quisermos ter em atenção as condicionantes da equipa e, claro, o valor dos tais comparsas de ocasião, como as diferenças entre o amadorismo espinhense e o «amadorismo» dalguns - muitos deles.

Portanto, assinalemos a boa época hóquista da A.A.E. e esperemos, no futuro, outros cometimentos, porventura melhores no plano de resultados e classificação, de molde a satisfazerem sobretudo os prosélitos que não se contentam apenas com o bom comportamento exibicional, com a prática de bom hóquei e com o facto de se meter sustos aos credenciados.

C. S.

#### Empregada de Escritório

OFERECE-SE

Com conhecimentos de Contabilidade e dactilografia Carta à Redacção ao n.º 85

### Barrinha de Esmoriz

VENDE-SE TERRENO COM 400 m., JUNTO À CAPELA DA PRAIA INFORMA

Solicitador CERQUEIRA FERNANDES **ESPINHO** Rua 26 - N.º 335

### Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Rua 11-877 Telefone 920805

**ESPINHO** 

### DR. \* EMILIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º Telef. 921891 ESPINHO

Consultas - Dias úteis das 16 às 19 horas

## Operário especializado em polyesters reforçados

Dá-se preferência à pessoa que tenha experiência em portas frigoríficas e camiões isotérmicos.

GUARDA-SE SIGILO ESTANDO EMPREGADO Ordenado pretendido e casa onde trabalha.

Resposta à Redacção deste Jornal.

### Electricista

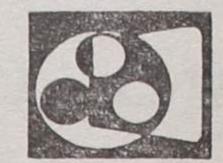
Executa qualquer serviço deste ramo por conta própria.

Falar com JOAO EVANGELISTA PEREIRA

Rua 4, n.º 665 — Telefone, 921294 — ESPINHO

# ú I t i m a página

### Cinema



### ATENTADO

Numa entrevista, parcialmente transcrita em baixo, Yves Boisset, o realizador do filme que hoje se exibe no S. Pedro - O ATENTADO - levantou uma questão pertinente relacionada com o chamado cinema político, dizia ele que «fazer cinema político confidencial é paradoxo aberrante».

Confidencial será aquele cinema que é feito para as minorias intelectualizadas e frequentadores dos cinemas tipo estúdio. Ora, se um filme só é visto por um público restrito é evidente que a oportunidade de chegar, contactar com um público mais numeroso se perde e a possibilidade de através dele alterar e mexer um pouco as mentalidades das pessoas. por isso se torna aberrante, na opinião de Yves Boisset.

È assim que, pondo em questão o cinema e a quem ele se dirige, alguns realizadores optam por, nos filmes que abordam casos ou personagens mais ou menos «políticos», usar uma linguagem simples e inclusivamente romancearem e dramatizarem um pouco o argumento, para assim atingirem e tornarem acessível a uma maior número de pessoas esses filmes.

Há, contudo pessoas, espectadores e críticas, que pensam que esses filmes mais não servem do que o sistema, o que até certo ponto não deixa de ser verdade, pois o dinheiro dos bilhetes vai directamente para os cofres das distribuidoras e produtores, e sendo assim quanto mais público atingir melhor.

Para lá destas considerações que qualquer pessoa pode fazer estão as ideias do realizador ao fazer este filme, assim e para tomarmos conhecimento das suas opiniões, transcrevemos parcialmente uma entrevista por ele dada («A Capital» — 21/10/1972):

«Qual foi a óptica com que rodou este filme?

Yves Boisset — O Atentado, não é a reconstituição do caso Ben Barka. Trata-se de uma transformação romanesca. uma história para o público popular. Nós, Jorge Semprun e eu, quisémos ultrapassar o caso Ben Barka e reflectir sobre o princípio do atentado como meio de acção política. Nós não pretendemos fazer um processo —, verbal ou relatório de política. Preocupamo-nos, no entanto. em respeitar as relações de forças, as responsabilidades, as grandes opções teóricas do caso. É preciso ver «O Atentado» como um filme de ficção a partir do qual se pode reflectir e discutir sobre alguns problemas.

#### Quais problemas?

Y. B. — Sobre a significação do «afastamento» de um líder do Terceiro Mundo. Nós fizemos uma exibição perante público pouco informado. Os espectadores viram um filme policial e ficaram escandalizados com a prisão de Sadiel. Alguns tinham sabido pelos jornais que «O Atentado» se inspirava num facto verdadeiro. Estes por seu lado, pediram esclarecimentos sobre o caso real. Não se deve procurar no filme a explicação do caso Ben Barka. Antes pelo contrário é preciso compreender o filme a partir do caso, o que não é a mesma coisa.

Suponhamos que todos os obstáculos políticos e jurídicos que se podem encontrar desaparecem e não existe qualquer problema com os protagonistas do caso real. Então, rodaria ou não «O Atentado» da mesma maneira?

Y. B. - Não sei. A nossa primeira ideia era fazer um documentário com artistas desconhecidos quase como uma reportagem de televisão e próximo do estilo de «O caso Mathei». Mas isso era juridicamente e financeiramente impossível. Foi depois que pensamos no método mais eficaz de tocar todos os espectadores e não apenas os que sabiam do caso Ben Barka. Se escolhemos, finalmente, o filme de nomes conhecidos, «espectáculo clássico», é por desejo de sermos eficazes. Fazer cinema político confidencial é paradoxo aberrante.

Mesmo assim, com todos estes cuidados em escapar à realidade nós tivemos conflitos com algumas pessoas.»

A. Cardoso

### Concurso «D. E.»

A «espertinha e contestatária» era, obviamente, a Mafalda. Dentre os leitores que acertaram na resposta sorteamos o venceder, ou melhor, a vencedora: EDITE MARIA FERREIRA MARTINS, moradora, na rua 31, n.º 332. Esta nossa leitora pode, a partir de hoje, passar por cá. O prémio já cá está à espera.

E vamos ao concurso de hoje. Das aventuras da Mafalda passemos ao famoso aventureiro de capa e espada, o herói dos romances de Alexandre Dumas, o intrépido e galanteador D'Artagnan.

Oferecer-se-á um livro a quem acertar no nome dos seus companheiros, mais conhecidos pelos «Três Mosqueteiros».



O máximo em qualidade! Do melhor em apresentação!

O bom gosto e eficiência, são atributos do relógio «CAMY», a mais preciosa das jóias

Está na hora de acertar: compre «CAMY!»

# ESPINHO E A FEIRA POPULAR

### Breves reflexões

1 — A Comissão de Festas da Comissão de Turismo de Espinho pretendeu este ano levar a cabo uma Feira Popular. Feira Popular que seria um misto de divertimento e cultura, onde a alegria estivesse muito desligada da realidade. Feira Popular que conseguisse incrementar o turismo nesta localidade, que vive em parte dele, das pessoas que costumam invadir a cidade nos meses de Julho e Agosto. Por isso uma Feira Popular, no Parque João Deus, entre árvores e lâmpadas coloridas, com o barulho dos altifalantes e o cheiro da sardinha assada, as barracas de diversões e os espectáculos ao ar livre.

Este o esquema geral duma feira popular em qualquer lugar, a norte ou a sul do País. Mas a Comissão de Festas é mais ambiciosa. Quer introduzir espectáculos acessiveis, de nivel cultural mais elevado, participantes. Música, Teatro. Pretende promover exposições. Filatelia, filuminismo, fotografia, numismática. Paralelamente as habituais diversões, os carros eléctricos, os comes e bebes, o futebol de mesa, a iluminação, a música e as pessoas. Pessoas que esta feira popular pretendia mobilizar, a fim de participarem activamente nas manifestações culturais que lhes são úteis porque são pedaços de vida transpostos para um recinto.

Transformar uma feira popular num misto de diversão e consciencialização, era este o objectivo da Comissão de Festas quando iniciou os preparativos para a realização desta iniciativa inédita na nossa cidade.

2 — E em princípio de Julho tudo começou. Um grupo folclórico. Na semana seguinte uma banda de música. E as pessoas começaram a aparecer. Ao sábado à noite o Parque constituia mais um polo de atracção, mais um local de lazer para a população local. Os bancos encheram-se

de românticos pares com lânguidos olhares, contemplando as estrelas ou o ar enfumarado pelas sardinhas assadas. O vinho e a boroa foram ingeridos em doses mais ou menos industriais. «Fitipaldis» caseiros ou «Casanovas» imberbes surgiram aos montes, percorrendo a Feira à procura de um momento de aventura, dum momento escaldante, à bela maneira cinematográfical E passaram-se, assim, três semanas de feira.

No último sábado, dentro dos objectivos da Comissão de Festas, o Grupo de Teatro «SEIVA TRUPE» com a peça «Catarina na Luta do Povo» constituiu o espectáculo da noite. Ver Teatro por cinco escudos é barato, não nos parecendo justos alguns protestos ouvidos à entrada do Parque. Claro que houve deficiências graves no sistema utilizado, como se refere noutro artigo deste jornal; sendo por consequência natural que passemos à frente neste ponto, para nos debruçarmos em determinadas reflexões.

O público espinhense teve a oportunidade de assistir de novo (em Março a Secção Cultural da A.A.E. tinha tido essa iniciativa) ao importante espectáculo do «SEIVA TRUPE». Importante porque, como na altura salientamos, nos fala da luta do povo contra a ditadura fascista, fala-nos da luta dos trabalhadores contra a exploração capitalista, em prol da liberdade, rumo à construção do socialismo. Socialismo hoje, mais do que nunca, necessariamente a ter de definir-se, separando o trigo do joio, pondo dum lado o socialismo do povo e de outro a social-democracia, a racionalização do capitalismo, da exploração. Importante este espectáculo, em resumo porque fará os responsáveis pela Feira Popular pensar na importância ou não desta iniciativa, e da sua capacidade para se integrar e ter importância activa no processo revolucionário em curso.

M. G.

### Vamos ver como é...!

No passado sábado, à noite, numa iniciativa louvável, a Seiva Trupe levou à cena na Feira Popular, a peça «A Seiva conta Catarina na luta do Povo». Dizemos «louvável» porque, efectivamente, a população de Espinho teve oportunidade de, por 5\$00, assistir a uma representação do bom nível e, significativamente, importante nos dias que vivemos. Um razoável número de pessoas se deslocou ao nosso Parque e saiu satisfeito com que o tinha visto. Até aqui, tudo muito bem! Mas... acontece que a comissão organizadora da Feira resolveu vedar ao público a parte da Feira que fica num terreno no lado Sul da Rua 23, e onde estão instalados os carrocéis, as pistas de automóveis eléctricos, as barracas de tiro e de comes e bebes, etc., condicionando, também o acesso a essa zona ao pagamento de 5\$00. Se partirmos do princípio que, uma pessoa que quisesse, por exem-

plo, dar uma «voltinha» nos carros eléctricos, tinha de, logo à entrada do recinto, esportular 5 «paus» para depois pagar mais 5 para a «voltinha», ou se quisesse comer uma sardinha assada tinha que proceder do mesmo modo, vemos que a medida tomada foi injusta. Tanto mais que, os prejudicados foram os negociantes dessa zona, já que o número de pessoas que nessa noite, (uma noite tradicionalmente de fazer bom negócio) foi diminuto comparativamente a sábados anteriores. E é necessário ver que, esses comerciantes pagam aluguer de terrenol

Que se vedasse unicamente o Parque João de Deus, óptimol O resto é que não! Esperemos que a Comissão repense a atitude tomada e que, para a próxima vez, tal

facto não se repita.

N. B.

# Leia no próximo número

Camara Municipal de Espinho Rua -19

ESPINHO

SEMANÁRIO AVENÇADO